

Entre o boi e o vaqueiro: representações visuais do Piauí na revista *O Malho* (1902-1920)

Between the ox and the cowboy: visual representations of Piauí in the magazine O Malho (1902-1920)

Pablo Augusto Santos Teixeira,¹ UFMA

Resumo

O presente artigo traz reflexões acerca das representações visuais sobre o Piauí contidas na revista ilustrada *O Malho*, no recorte temporal de 1902 a 1920. A escolha das duas primeiras décadas do século XX se deve a reorganização que líderes políticos piauienses empreenderam diante das mudanças da República, buscando criar uma identidade local baseada nas características do sertão. A construção da pesquisa se apoiou nas discussões de Chartier (2002), Albuquerque Júnior (2011), Silva (2022), Souza (2008), entre outros. Através da análise dessas imagens, percebe-se que a imprensa ilustrada carioca se utilizou da figura do boi e do vaqueiro para simbolizar as discussões em torno das questões econômicas, culturais e políticas do Piauí Republicano.

Palavras-chave: Representação; Piauí; Imprensa.

Abstract

This article reflects on the visual representations of Piauí contained in the illustrated magazine *O Malho*, covering the periodical period from 1902 to 1920. The choice of the first two decades of the 20th century is due to the reorganization that Piauí's political leaders undertook in response to the changes of the Republic, seeking to create a local identity based on the characteristics of the sertão. The research was based on discussions by Chartier (2002), Albuquerque Júnior (2011), Silva (2022), Souza (2008), among others. Through the analysis of these images, it is clear that the illustrated press of Rio de Janeiro used the figure of the ox and the cowboy to symbolize discussions surrounding the economic, cultural, and political issues of Republican Piauí.

Keywords: Representation; Piauí; Press.

Introdução

A notícia da descoberta dos fertilíssimos campos piauienses, os melhores do norte do Brasil, repercutiu ao longe de forma que grandes concessões territoriais e sesmarias foram pedidas e concedidas a portugueses, baianos, pernambucanos e maranhenses [...] É a essa gente que está confiado a indústria pastoril, a grande riqueza piauiense, destinada a adquirir considerável desenvolvimento, desde que o serviço de açudes, poços tubulares e artesanais for methodicamente executado (Revista da Semana, 08/10/1905, p. 15).

O trecho acima foi retirado de uma matéria intitulada “*Estado do Piauí*”,² publicada

¹ Graduado de Ciências Humanas/ História pela Universidade Federal do Maranhão - Campus Codó (2025). Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em História Social dos Sertões (GEPHSertões).

² Os títulos e citações diretas extraídos dos periódicos que são citados no texto foram preservados na grafia original.

em outubro de 1905 na *Revista da Semana* (RJ). Ao longo do texto é feita uma exaltação da expulsão de indígenas da região piauiense, pois teria viabilizado a conquista colonial dos “fertilíssimos campos piauyenses, os melhores do norte do Brasil” (*Revista da Semana*, 08/10/1905, p. 15). A notícia segue explicando sobre o começo da ocupação portuguesa através das expedições de bandeirantes e da introdução da criação de gado em larga escala, sendo acompanhada por 6 fotografias de fazendas e currais cheios de bovinos para exemplificar o potencial econômico do estado (*Revista da Semana*, 08/10/1905).

Desde o início do processo de povoamento português, o Piauí foi construído em torno da instalação de fazendas de gado pelos sertões do território, fato que levou parte de suas representações simbólicas se basearem nesse traço cultural. Assim, títulos como *filha do sol do Equador*, *terra do bumba-meu-boi* e *terra do boi* demonstram que atualmente ainda existe uma recorrência na representação do Piauí através de símbolos ligados ao sertão, como a figura do vaqueiro e a incidência do sol.

Esse movimento de construção de uma identidade piauiense ligada a história da pecuária bovina e da realidade sertaneja se desenvolveu no início do século XX (Souza, 2008), inserido no contexto dos discursos regionalistas dos estados do Norte (futuramente seria o Nordeste) que buscaram estabelecer seus lugares simbólicos dentro da reorganização de poderes regionais no início do período republicano (Albuquerque Júnior, 2011).

Dessa forma, esta pesquisa consiste na análise das representações visuais do Piauí através de charges publicadas na revista ilustrada *O Malho*, importante periódico carioca que circulou por todo o país. Para além da análise das imagens desta revista, foram utilizadas matérias de outros periódicos disponibilizados na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, visando ter contato com as interpretações da imprensa carioca sobre os acontecimentos e características do estado.

As análises e interpretações das imagens coletadas se apoiaram na discussão sobre representação de Chartier (2002); sobre a invenção do Nordeste (antigo Norte) de Albuquerque Júnior (2011); sobre a construção da identidade piauiense de Silva (2022) e Souza (2008); entre outros (as) autores (a). O recorte temporal escolhido foi de 1902 a 1920, período em que as elites políticas piauienses empreenderam a construção de uma identidade local baseada nas características do sertão.

No sertão do *Piauihy*

No alvorecer da República, as ideologias do progresso e da modernização ditavam as transformações no território brasileiro, levando a administração federal a intensificar a

ocupação das regiões mais distantes do país para ampliar o projeto de desenvolvimento nacional. Neste contexto se destacou a preocupação com a situação dos estados do Norte, localizados num espaço geográfico que permeou durante décadas o imaginário brasileiro: o sertão.

Inicialmente utilizado pelos portugueses para definir os territórios vazios no interior do continente, em oposição ao litoral, a categoria de “sertão” foi sofrendo modificações de significados ao longo do tempo. Para além do seu caráter espacial e geográfico, o sertão acabou assumindo na virada do século XIX para o XX uma configuração sociocultural dentro do imaginário simbólico brasileiro (Albuquerque Júnior, 2011).

Seus significados variaram entre o positivo e o negativo a partir de “um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a materialidade reinante e os interesses vigentes neste processo” (Moraes, 2003, p. 5). Em geral, esses interesses eram direcionados pelas decisões das elites políticas, sejam as nortistas ou de outras regiões.

Diante das modificações de poder no início da República, as elites dos estados do Norte passaram a difundir a ideia do sertão “como o lugar onde a nacionalidade se esconde, livre das influências estrangeiras [...] repositório de uma cultura folclórica, tradicional, base para o estabelecimento da cultura nacional” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 67). Esse “discurso regionalista” (Idem.) era uma forma de reagir à consolidação do poder das elites do Sul e ao mesmo tempo reivindicar auxílio financeiro do Governo Federal.

Os piauienses se inseriram nesse processo ao começarem a investir na exaltação do Piauí como parte importante na construção histórica do Brasil enquanto uma nação, destacando suas contribuições no processo de colonização dos sertões, na alimentação da população nacional através de suas fazendas pecuaristas, a participação na Independência do Brasil e na Guerra do Paraguai, entre outros. À medida que se exaltava a presença piauiense na história nacional, eram constantes as intensas reclamações da pouca valorização e da grande negligência dos dirigentes nacionais com relação ao estado (Souza, 2008).

Assim, os líderes políticos piauienses passaram a pressionar o governo brasileiro por auxílio financeiro através da intensificação das denúncias de um suposto descaso de investimentos, sempre enfatizando que historicamente o Piauí era uma região isolada, abandonada, marcada pela pobreza e seca. Ao mesmo tempo, eram divulgadas as riquezas naturais do estado e sua potencialidade econômica, tentando demonstrar como o país estava desperdiçando uma importante fonte de recursos (Silva, 2022; Souza, 2008).

A circulação dessas caracterizações positivas e negativas para retratar o estado tinha como vitrine a literatura, a imprensa local e as discussões nos círculos políticos piauienses

(Souza, 2008), que acabaram se espalhando para âmbito nacional ao chegarem na Capital Federal, quando as populações do Sul “apenas ouviam falar do Norte pela imprensa, sobretudo daquilo que os discursos de seus representantes, no Parlamento, diziam e faziam ver” (Albuquerque Junior, 2011, p. 54).

Em setembro de 1903, o *Correio da Manhã* (RJ) divulgou um telegrama enviado pelas redações dos jornais piauienses *A Patria*, *A Luz do Piauí*, *A Republica* e *O Estado*. Nele é relatado que a “secca manifestou-se em todo o Estado. A criação está morrendo [...] os cereais são vendidos por preços elevados devido em grande parte à imigração dos habitantes do Ceará, Parahyba e Rio Grande no Norte” (*Correio da Manhã*, 02/09/1903, p. 1). Ao final, os jornais piauienses pedem que “os representantes da colonia piauyense” (Idem) no Rio de Janeiro intercedessem junto ao Governo Federal em favor de sua terra natal.

Já o jornal carioca *O Paiz* publicou, em julho de 1911, uma matéria intitulada *Riquezas do Norte*, em que reproduziu uma fala do então governador Antônio Freire da Silva no Congresso Estadual, no qual discorreu sobre as medidas tomadas para melhorar a infraestrutura do estado. Segundo o jornal, o governador falou que Piauí era “mal servido de comunicações e de meios de transporte e mesmo de correio e telegrapho [...] não possui um palmo de estrada de ferro e mesmo de rodagem” (*O Paiz*, 09/07/1911, p. 8). O texto finaliza elogiando a franqueza discursiva do governador e cobrando que o governo central atendesse às demandas do estado nortista.

Por estarem no centro cultural e político do país, os periódicos cariocas acabavam por reverberar discussões e notícias advindas de todos os outros estados (Sodré, 1966), sendo verdadeiros veículos de representação dessas regiões. As representações podem ser definidas como “as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (Chartier, 2002, p. 17). Dessa forma, a construção de textos, imagens, músicas e outras formas de recursos simbólicos servem para mostrar de forma abstrata a outras pessoas aspectos da realidade que não podem ser alcançadas diretamente (Chartier, 2002).

Expressa em recursos visuais e textuais, a capacidade representativa desses impressos foi intensificada no início do século XX quando se converteu numa “grande imprensa” (Sodré, 1966, p. 510), ou seja, passou a ter maior investimento das empresas jornalísticas, acelerando a produção dos impressos, aumentando a circulação de exemplares, diversificando as temáticas abordadas e aprimorando suas qualidades técnicas, como o aumento do uso de fotografias e ilustrações (Sodré, 1966).

As revistas ilustradas foram os principais periódicos a incorporar em suas páginas as artes gráficas (fotografias, charges e caricaturas), se tornando extremamente populares devido a capacidade de transmissão de informações através dessas visualidades, pois conseguiram ser consumidas tanto por um público letrado como por uma população majoritariamente analfabeta (Antas, 2023). Inseridas num contexto de transformações urbanas, sociais e político-econômicas, esses periódicos ilustrados serviram como espaço de debates sobre os dilemas e contradições do início do século XX, abrigando múltiplos posicionamentos de seus colaboradores e redatores (Silva, 2017).

O humor gráfico (charge, caricatura e cartum) talvez tenha sido uma das principais linguagens desses discursos, tendo em vista que o “humor consegue romper algumas barreiras do não dito e das entrelinhas. Por isso que muitas vezes é possível que o chargista consiga passar muito mais detalhes de uma informação que o jornalista não pode redigir” (Antas, 2023, p. 26). Tal reflexão é corroborada por Silva (2017) ao afirmar que com essa capacidade de se introjetar com maior facilidade na população, o humor gráfico acabava simplificando para a população em geral, principalmente a parcela analfabeta, os debates em torno da nova sociedade brasileira idealizada pela República.

Uma revista que foi criada utilizando o humor como componente central foi *O Malho*. Fundado em 1902 por Luís Bartolomeu, esse periódico densamente ilustrado trabalhou com um conteúdo humorístico permeado por sátiras sociopolíticas, possuindo colaborações com diversos artistas gráficos e intelectuais da época, além de correspondentes por todo o país (Sodré, 1966).

Em Teresina, capital do Piauí, *O Malho* era vendida lado a lado com outras revistas cariocas como *O Tico-Tico*, *A Leitura para Todos* e *O Cri-Cri*, oferecendo possibilidades de assinaturas e contratação para anúncios (O Apóstolo, 07/03/1909, p. 4). A presença desses periódicos na capital demonstrava como existia uma conexão entre o Piauí e a imprensa carioca, permitindo uma maior circulação de informações e discursos.

O Piauí se fazia presente nas páginas d’*O Malho* através de notícias da política local, de menções a representantes piauienses na capital e principalmente representações visuais sobre acontecimentos e traços culturais piauienses. Através de seções como *O Malho no Piauí* e *Progresso do Piauí*, eram levantadas discussões em torno do nível de avanços que o estado conquistava e dos atrasos que precisava superar. Na seguinte fotografia publicada em outubro de 1910, é possível observar um debate em torno de características piauienses que aparentemente desagradaram o desejo das lideranças da República de modernizar os quatro cantos do Brasil.

Figura 1 - Progresso de kagado



Fonte: O Malho, Rio de Janeiro, outubro de 1910, n° 421, p. 47.

Com o título “*Progresso de kagado*”, o redator da matéria já evoca através da figura do cágado o ponto principal da discussão: a demora no progresso do Piauí. A fotografia retrata um dia movimentado de feira no Mercado Público da cidade de São João (provavelmente São João do Piauí), cujo público presente era formado por homens simples, em sua maioria negros e mestiços, que posam para o fotógrafo em frente ao prédio de varanda semelhante a uma fazenda colonial. Alguns desses homens provavelmente desenvolviam atividades ligadas à agricultura e à pecuária, haja vista a presença de largos chapéus de palha e alguns de couro, se destacando um vaqueiro no lado direito da foto totalmente paramentado com gibão, peitoral, perneira e chapéu de couro.

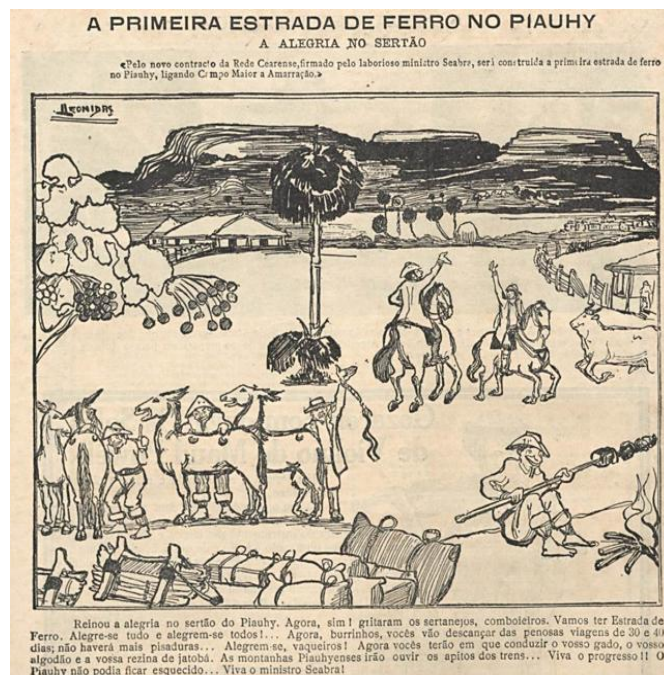
A legenda demonstra a insatisfação da sociedade nacional com o que chama de “representantes d’aquelle Estado” (O Malho, 10/1910, p. 47), ao cobrar que o poder municipal da cidade tomasse providências para acabar com essas “borracheras do tempo d’Rey Nosso Senhor” (Idem). Assim, faz-se uma associação entre esses espaços de curtição de couro animal (borracheras) e o período monárquico, ou seja, essa cultura do couro seria um símbolo de um passado que se desejava substituir por edificações e atividades sociais do regime republicano que se instituiu no país.

As elites piauienses reivindicavam a tomada de medidas por parte do Governo Federal para integrar a região ao projeto de desenvolvimento da República, se concentrando na cobrança por uma infraestrutura que “viabilizasse melhoramentos na produção econômica mediante a exploração de seus recursos naturais, entre as quais estava a construção de estradas de ferro e de rodagem” (Silva, 2022, p. 116).

Seguindo as perspectivas das lideranças de outros vizinhos do Norte, os piauienses cobravam uma medida central para interligar as cidades do interior e combater as mazelas da seca: a construção de uma ferrovia (Vieira, 2010). Enquanto por todo o país se instalava estradas de ferro ligando as regiões, no Piauí ocorreu uma demora para a chegada desse símbolo do progresso, fato sempre enfatizado na imprensa ao destacá-lo como o único estado que não possuía “nenhum palmo de estrada de ferro” (Diário do Piauí, 18/04/1911, p.1).

Os dirigentes políticos viam com entusiasmo os movimentos do Governo Federal em empreender um projeto ferroviário, já que “diminuiriam as distâncias e facilitariam o intercâmbio comercial entre as cidades do interior do Piauí” (Vieira, 2010, p.24). Os anseios por uma estrada de ferro chegaram a reverberar na imprensa carioca, sendo reproduzido com entusiasmo a possibilidade dos trilhos finalmente alcançarem o solo piauiense.

Figura 2 - A primeira estrada do Piauí



Fonte: O Malho, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1911, nº 454, p. 35.

Publicada em maio de 1911, a charge intitulada “*A primeira estrada do Piauí*” é assinada pelo chargista Leonidas (Leônidas Freire). Nela é representado um campo piauiense permeado por carnaúbas, cercado por chapadas e preenchido por um comboio de vaqueiros com seus animais. No texto é reproduzido a notícia que um acordo havia sido firmado para a construção de uma estrada de ferro ligando as cidades de Campo Maior a Amarração, assim

reinando a “alegria no sertão do Piauí” (O Malho, 27/05/1911, p. 35) diante dos benefícios que essa construção traria para seus moradores.

Era antigo o desejo piauiense pela instalação de uma rede ferroviária que ligasse os centros comerciais do interior do estado ao porto da cidade litorânea de Amarração, atual Luís Correia. Esse ponto comercial a beira mar era vista como principal possibilidade de exportação dos produtos internos, sendo essencial para o melhoramento dos meios de escoamento de produção das cidades do centro-sul piauiense (Vieira, 2010). Via-se na construção de uma ferrovia a possibilidade de beneficiar tanto a comercialização dentro do estado, como o comércio estabelecido com estados vizinhos e até com outros países.

A charge reproduz uma notícia de maio de 1911, no qual o ministro da viação José Joaquim Seabra e o presidente Hermes da Fonseca teriam firmado um contrato com a Rede de Viação Cearense para a construção da estrada de ferro ligando a cidade de Campo Maior a Amarração. O contrato foi amplamente comemorado por todo o povo piauiense, como políticos, associações comerciais, escolas, fazendeiros e outros, fato ilustrado nesta charge analisada. Ainda ocorreu uma enxurrada de telegramas piauienses publicados na imprensa carioca para parabenizar e agradecer a aprovação dessa importante obra (Jornal do Commercio, 18/05/1911). Todavia, do período de 1912 a 1918 em que a ferrovia esteve subordinada à Rede de Viação Cearense, não foi instalado um quilômetro de trilho sequer (Vieira, 2010).

Cabe ainda destacar os aspectos visuais que compõem a imagem. Nela há a presença de um comboio de vaqueiros vestidos com seus gibões e chapéus de couros, acompanhados de seus cavalos e do gado que conduzem, as carnaúbas no centro e ao redor do espaço, a fazenda colonial no canto superior esquerdo, o curral no canto superior direito e a chapada que se eleva no horizonte.

Esses detalhes da charge chamam atenção devido sua recorrência em outras representações visuais e textuais na imprensa carioca, demonstrando como o Piauí estava cristalizado dentro do seu imaginário social. Tal fato não significa que esses símbolos foram criados pelos letrados da Capital Federal, já que nesse período um grupo de diversos intelectuais no Piauí se movimentaram para escolher essas características locais como símbolos de uma representação identitária própria.

Sob o gibão do vaqueiro

Dentro do movimento empreendido pelas elites da região Norte na construção e difusão de uma identidade regional separada da identidade nacional, visando criar “fronteiras

que servirão de trincheiras para a defesa dos privilégios ameaçados” (Albuquerque Junior, 2011, p. 46), emergiu um grupo de letrados piauienses pertencentes ou em contato com as elites locais que começaram a investir na formulação de uma identidade piauiense (Souza 2008).

Os debates em torno desse traço cultural que se pretendia construir tiveram como foco principal a formulação de uma história local, marcando a atuação de intelectuais de diferentes profissões, como advogados, médicos, engenheiros, políticos e etc, que acabaram por convergir na produção de obras e discursos historiográficos. Mesmo que tenham produzido produtos literários, filosóficos e geográficos, o fato da história possuir uma centralidade no projeto de formulação dessa identidade local ocasionou que esse conjunto de pensadores fossem chamados de intelectuais-historiadores (Souza, 2008).

Reunindo nomes como Antonino Freire, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Miguel Rosa, Matias Olímpio e outros, cada um desses intelectuais formulou sua própria interpretação do que seria ser piauiense a partir da história do estado, buscando “construir uma memória histórica a fim de integrar o Piauí na história nacional sob o ponto de vista republicano” (Souza, 2008, p. 67), além ressaltar a importância simbólica do Piauí ao exaltar “seu protagonismo na efetivação da integração nacional brasileira” (Silva, 2022).

Para além de grandes momentos históricos elevados a mitos fundadores da sociedade piauiense, como a Batalha do Jenipapo durante o processo de Independência e a participação na Guerra do Paraguai, uma das bases dos discursos patrióticos dos intelectuais-historiadores foi a colonização do Piauí a partir da instalação das fazendas de gado, e toda a dinâmica social que se construiu em torno dessa atividade pecuarista (Souza, 2008)

A figura do boi representava o principal produto responsável pela ocupação territorial e estruturação de parte da economia piauiense durante certo período. Já o vaqueiro era visto como o guerreiro encourado que desbravou e ocupou o sertão, sendo identificado enquanto o “produto de uma cristalização cultural, emblema do passado, cultuado pelo vigor físico, heroísmo e masculinidade, digno representante do homem do Piauí, em sua honra, virtude e poder” (Viana; Brito, 2016, p. 258).

A simbologia da cultura do gado como um dos principais mitos fundadores do estado permeou a maioria das teorias em torno da identidade piauiense. Por exemplo, Abdias Neves considerava as fazendas de gado não apenas como uma atividade econômica, mas como o lugar que gestou toda a sociedade piauiense em seus aspectos políticos, sociais e culturais. Já Higino Cunha atribuiu aos criadores de gado a responsabilidade pelo “descobrimento” do que

viria a ser o Piauí, considerados por ele mais importantes que os bandeirantes e jesuítas que passaram pela região (Souza, 2008).

A consolidação do boi e do vaqueiro como símbolos da identidade piauiense acabou sendo projetada para fora do estado, incorporada no imaginário nacional e reforçada sempre que o Piauí era representado, seja na literatura, imprensa, cultura popular, política, etc. Um dos exemplos mais famosos foi a cantiga popular *O meu boi morreu*, que não se sabe a autoria e a data de criação, todavia circulou ao longo do tempo por todo o Brasil através da voz de famosos e anônimos. A cantiga popular era utilizada na imprensa para se referir a políticos piauienses na capital e na terra natal, assim como a própria referência ao boi que frequentemente servia de sinônimo do Piauí, com expressões como a terra do “boi morreu” (O Malho, 03/06/1916, p. 22) e a “terra do boi” (Malho, 08/10/1927, p. 21).

Dessa forma, observou-se ao longo da pesquisa que as representações visuais do Piauí contidas nas revistas ilustradas sempre transitavam em torno da figura do vaqueiro e do boi, como é possível perceber na seguinte charge, publicada em junho de 1915 pela revista *O Malho*.

Figura 3 - No Piauhy



Fonte: O Malho, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1915, n° 665, p. 43.

Assinada pelo Léo (Leônidas Freire), a charge “*No Piauhy*” apresenta uma notícia em referência a aprovação de uma estrada de ferro ligando Amarração a Teresina, medida que fazia parte dos projetos para combater a seca que assolava o Norte. O personagem que opina sobre a notícia é um vaqueiro, trajando o tradicional gibão e chapéu de couro, montado em seu cavalo selado, levando na traseira do animal o que parece ser um cantil (recipiente de

couro para armazenar água), além da presença no lado esquerdo da charge de uma palmeira de carnaúba, árvore tradicional da vegetação piauiense.

O texto faz referência às notícias veiculadas pelos jornais sobre as manifestações de representantes dos estados do Norte na Câmara dos Deputados, no qual cobraram o cumprimento das providências de combate às secas periódicas que assolavam a região (O Paiz, 27/05/1915). Entre eles destacou-se o deputado Firmino Pires Ferreira que é mencionado pelo vaqueiro da charge como “seu Pire Ferrera”. Ao final da sessão foi aprovado um decreto que, entre seus artigos, pode ser mencionada a obrigatoriedade do presidente da República de mandar “concluir com a maxima brevidade as obras iniciadas e abandonadas, de construção do ramal de Amarração a Therezina” (Idem, p.1).

Os políticos piauienses, assim como seus vizinhos nortistas, frequentemente iam à tribuna do Parlamento Federal para cobrar que o Governo voltasse sua atenção e principalmente o bolso para medidas de combate à seca. Como se tratava de um problema climático que assolava a região Norte desde o século XIX, o discurso da seca se converteu na pauta central da atuação desses representantes, uma vez que:

Todas as demais questões são interpretadas a partir da influência do meio e de sua “calamidade”: a seca. As manifestações de descontentamento dos dominados, como o banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídos à seca, e o apelo por sua “solução” torna-se um dos principais temas dos discursos regionais. [...] Este discurso faz da seca a principal arma para colocar em âmbito nacional o que chama de interesses dos Estados do Norte, compondo a imagem de uma área “miserável, sofrida e pedinte”. Este discurso da seca vai traçando assim uma zona de solidariedade entre todos aqueles que se colocam como porta-vozes deste espaço sofredor (Albuquerque Junior, 2011, p. 72).

Retomando a já citada notícia do jornal *O Paiz* em 1911, no qual foram abordadas “francas e categoricas afirmações” do governador Antonino Freire da Silva, no final da matéria foi feita uma crítica incisiva sobre como a luta pelo progresso do estado era “aniquillada pela indiferença contemplativa da maioria de seus representantes no Congresso Federal e do pouco caso dos diversos governos que temos tido na administração federal” (O Paiz, 09/07/1911, p. 8).

Essa cobrança do jornal carioca era feita com regularidade por parte dos piauienses que viviam no estado para seus conterrâneos que residiam no Rio de Janeiro, sendo que ambos viam como uma obrigação moral a luta por recursos financeiros e projetos que beneficiassem sua árida e sofrida terra natal.

A política ilustrada

Ao ler as coloridas páginas das revistas ilustradas à procura de menções ao Piauí e aos piauienses, provavelmente será difícil encontrar ocorrências que não mencionem algum aspecto ligado à política institucional. A atuação de representantes piauienses na Capital Federal e as dinâmicas políticas no Piauí eram as principais temáticas que faziam o estado ser estampado nesses impressos, com reações que variaram da admiração e respeito para a desaprovação e o horror.

Obrigados a migrarem para o Rio de Janeiro devido à centralização do poder, os representantes dos estados do Norte serviam de intermediários entre os acontecimentos da região e população do Sul, muitas vezes se tornando a principal referência sobre sua terra em solo carioca (Albuquerque Junior, 2011). Foi através deles que a imprensa repercutiu e opinou sobre as mudanças e permanências de uma terra distante e desconhecida, que com o passar do tempo foi sendo representada com aspectos negativos e estereotipados.

Nas páginas ilustradas, diversos políticos piauienses tinham seus nomes mencionados em notícias e suas representações visuais contidas nas fotografias de flagrantes de rua, nas caricaturas e charges. Entre os nomes mais citados pelos periódicos estavam o deputado Félix Pacheco e o senador Pires Ferreira.

Félix Pacheco era formado em bacharel em direito, desempenhava o cargo de deputado na Câmara Federal pelo Piauí, além de ser um famoso poeta, secretário do *Jornal do Commercio* e membro da Academia Brasileira de Letras (Careta, 01/06/1912). A imprensa constantemente demonstrava sua admiração pelo deputado, seja por sua atuação política, seus discursos e principalmente por sua produção literária de poesia.

A revista *Careta* em junho de 1912 prestou uma homenagem a Félix Pacheco na sessão especial *Almanach das Glórias*, destinada para honrar figuras ilustres da Capital Federal. Acompanhado de uma caricatura, o texto discorreu sobre sua formação profissional e elogiou que “sua trajetória na litteratura como na politica foi rapida, fulgurante e facil e, examinando-se sem paixão a sua rutila carreira, póde-se dizer que ella representa o justo triumpho do mérito” (Idem, p. 7).

Já Firmino Pires Ferreira possuía uma longa trajetória no exército brasileiro, tendo se destacado como líder de alguns batalhões na Guerra do Paraguai e galgando diversas patentes, até chegar ao posto de marechal. Advindo de uma das mais importantes famílias oligárquicas do Piauí Republicano, tornou-se um respeitado senador pelo seu estado ao longo de 4 mandatos consecutivos (Chaves, 2013). Sua presença nos periódicos era permeada por elogios à atuação política, principalmente por seus discursos incisivos. Por exemplo, a revista *Fon*

Fon em abril 1908 comentava ser um “prazer de ouvir a bellissima forma litteraria dos imponentes discursos marciais do Marechal Pires Ferreira” (Fon Fon, 11/04/1908, p. 1).

Para além de notícias da atuação desses políticos no Rio de Janeiro, a repercussão de acontecimentos em terras piauienses também atraía o interesse da imprensa carioca, como em 1913, quando *O Malho* voltou seus olhos para uma discussão entre o Piauí e seu vizinho Maranhão.

Figura 4 - Piauhy versus Maranhao

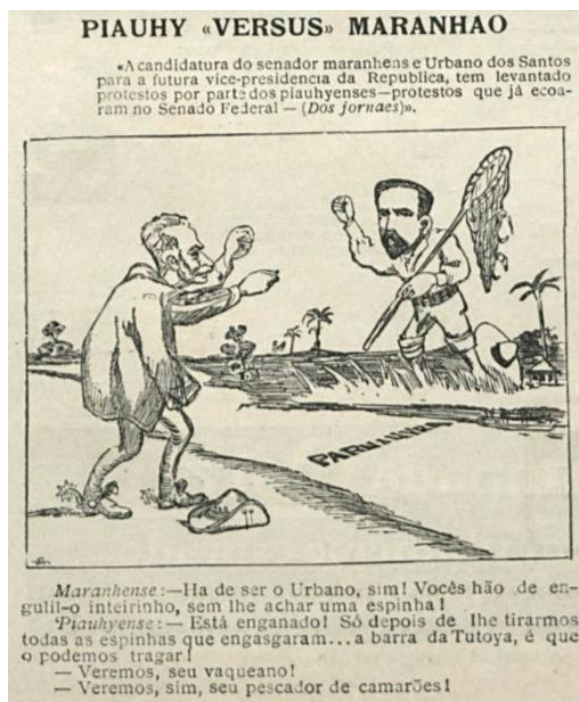


Figura 5: O Malho, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1913, n° 569, p. 49.

Intitulada “*Piauhy versus Maranhao*”, a charge retrata um conflito entre os personagens *Piauhyense* e *Maranhense*, representando a posição do povo piauiense contra a candidatura de Urbano Santos para o cargo de vice-presidente. O personagem piauiense novamente é representado com a indumentária de um vaqueiro, com um gibão, um chapéu de couro jogado no chão e uma bota com esporas. Destaca-se que sua margem não apresenta nenhuma vegetação, talvez uma referência a aridez do estado ou a seca.

Já o personagem maranhense é retratado com camisa comprida e calça dobrada, com um chapéu de palha caído aos pés e portando uma rede com camarões. Observa-se que a sua margem é retratada com uma pequena vegetação, uma casa e algumas palmeiras ao fundo, provavelmente em referência a palmeira de babaçu. Segundo Silva (2017), a transformação de regiões em personagens foi uma técnica utilizada constantemente por caricaturistas de

diversos países para tecer críticas a determinadas situações, sendo que as representações dos estados do Brasil sempre se baseavam nos estereótipos mais comuns sobre eles.

Cabe destacar que para além de um contraponto entre o vaqueiro do seco estado do Piauí e o pescador do alagado estado do Maranhão, tanto a expressão “pescador de camarões” como a “barra de Tutóia” pode estar referenciando uma desavença histórica entre os estados vizinhos. Segundo Sousa (2008), alguns intelectuais e políticos piauienses como Antonino Freire, Miguel Rosa e Abdias Neves empreenderam no início do século XX uma campanha intitulada “Questão de Tutóia”. Consistiu na reivindicação dos direitos de posse do território que englobava a cidade e o porto de Tutóia, localizada no Delta do Parnaíba, visando obter um porto que auxiliasse no escoamento de produtos e consequentemente beneficiasse a economia do Piauí (Souza, 2008).

As dinâmicas políticas do Piauí e dos outros estados do Norte despertavam o interesse da Capital Federal e principalmente o estranhamento diante de suas particularidades, vistas por vezes distantes de um padrão civilizatório que ditava a política nacional. Um exemplo foi em 1911, quando a revista *O Malho* se mostrou surpresa que o jornal piauiense *O Apóstolo*, fundado por ordenações católicas, era um órgão oposicionista que pregava a “vantagem do rifle contra as oligarquias” (*O Malho*, 22/07/2011, p. 20).

Outro aspecto que chamou atenção da imprensa carioca foi o governo de Miguel Rosa, cujo mandato se estendeu de 1912 a 1915. As reações ao governo miguelista variaram do apoio à reprovação de acordo com a relação que os jornais diários e as revistas ilustradas tinham com políticos piauienses aliados. Ou seja, se o deputado Félix Pacheco e o senador Pires Pereira fossem contrários a alguma medida do governador, os jornais que os admiravam acabavam seguindo publicamente essa posição.

As preocupações com relação a Miguel Rosa já começaram durante o processo eleitoral em que se elegeu, quando foi escolhido pelo então governador Antonino Freire para sucedê-lo, e teve como oposição Odilo Costa e o coronel Coriolano de Carvalho. A eleição foi marcada por um clima de guerra, no qual cada lado arregimentou grupos armados para defender uma vitória pela força bélica (Chaves, 2013). O jornal *O Malho* em maio de 1912 demonstrou seu temor com as notícias das violentas disputas políticas que vinham do Norte, sendo que no Piauí “o ódio partidário chegou a tal extremo, que as duas correntes antagônicas armam-se e organizam-se em batalhas patrióticas” (*O Malho*, 18/05/1912, p. 10). No fim, Miguel Rosa acabou vencendo a disputa e foi empossado governador em julho de 1912, recebendo um estado profundamente dividido e radicalizado.

O governo foi marcado por intensas críticas à sua administração, que tentava manter uma estabilidade estadual à medida que combatia sua extensa lista de desafetos locais. Em dezembro de 1912, o jornal *Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro* repercutiu sua indignação com a notícia de que o governador piauiense teria interferido na sentença de um tribunal judiciário, considerando que essa “atitude singular do seu presidente” (O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1912, nº 11, p. 2) levou para o Piauí “a inclusao no rol das circumscrições barbarisadas” (Idem).

O ano de 1915 foi o mais prejudicial para o governo miguelista. Foi marcado por uma grande seca que castigou a população, com o desabastecimento de alimentos, prejuízos na economia e falta de pagamento dos funcionários públicos em virtude do desvio de recursos para acentuar a calamidade (Chaves, 2013). Em novembro de 1915, o jornal *A Noite* divulgou uma matéria que nomeou Miguel Rosa como “o maior flagello - muito peor que a secca - que atualmente pesa sobre o Piauhy” (A Noite, 17/11/1915, p.2) e discorreu como este poderia ser considerado o pior dos governadores do país.

Outro acontecimento foram as chamadas inversões partidárias, que consistia numa troca de partidos no qual “adversários passando a correligionários e estes passando a adversários” (Sousa, 2008, p. 252). Um exemplo foi em 1915, quando o governador Miguel Rosa rompeu suas alianças com os líderes do Partido Republicano piauiense, o senador Pires Ferreira e o deputado Antonino Freire; e em seguida se aliou ao partido católico União Popular, seus antigos inimigos políticos (Souza, 2008).

A situação da troca de apoio partidário sofreu uma escalada quando Miguel Rosa escolheu Antônio Costa como seu sucessor, quebrando os acordos estabelecidos anteriormente com Félix Pacheco e Pires Ferreira, seus antigos aliados que apoiavam a candidatura de Eurípedes Aguiar (Chaves, 2013). Como forma de demonstrar o desagrado com as escolhas do governador, Félix Pacheco rompeu definitivamente suas relações com Rosa e renunciou publicamente ao cargo de representante do Piauí na Capital Federal.

Em fevereiro de 1916, *O Malho* repercutiu o que chamou de “gesto enérgico e altivo do deputado Félix Pacheco” (O Malho, 05/02/1916, p. 6) quando este renunciou seu mandato devido seu “desacordo formal com o satrapa piauyense” (Idem), assim recebendo os aplausos de diversos jornais e incendiando os debates na imprensa sobre a disputa eleitoral, como pode ser observado na imagem a seguir.

Figura 5 - Salada da semana



Fonte: O Malho, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1916, n° 709, p. 22.

Publicada em abril de 1916 na seção “Salada da Semana”, a pequena charge retrata o ex-deputado Félix Pacheco e o Piauí personificado em um(a) boi/vaca. No texto é ironizado que mexeram tanto com o estado que se iniciou uma revolução, e afirma que estavam apontando o “mavioso e inofensivo” político como revolucionário. Pela data, é possível inferir que essa charge foi mais uma entre as várias reações à notícia da renúncia de cargo que tomou as manchetes desde janeiro.

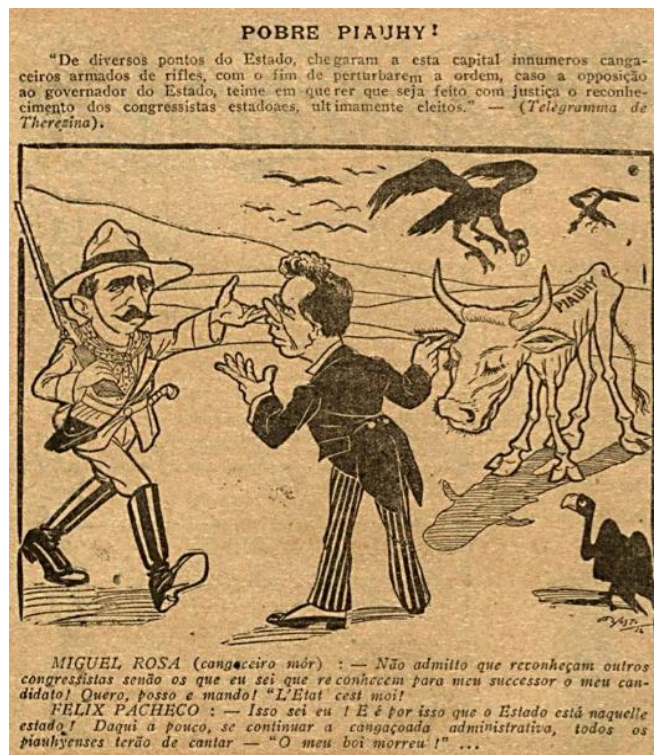
No mesmo mês, a revista *Careta* ironizou que o cenário político piauiense tinha como governador o “espinhento Sr. Rosa” (*Careta*, 05/02/1916, p. 10), considerado desconhecido pela imprensa, ao passo que o deputado Felix Pacheco com seu “fardão academico” (*Idem*) e Pires Ferreira com sua “bordada farda marechalicia” (*Idem*) são exaltados como dignos representantes do estado no Rio de Janeiro.

A disputa eleitoral continuou escalando em nível de violência e a imprensa carioca mais uma vez se preocupou que a situação chegasse a um conflito bélico. Em abril, o jornal *A Noite* noticiou um telegrama enviado pelo *Correio de Therezina*, no qual denunciava a toda a imprensa carioca que a força policial do governo miguelista acabava de “atacar e invadir as oficinas deste jornal, armada a rifles e sabres, ameaçando de destruição e morte de seus proprietarios e redatores” (*A Noite*, 20/04/1916, p. 3).

Para desespero dos periódicos cariocas, a possibilidade de um conflito armado aumentou em maio de 1916, quando novamente cada facção política convocou seus grupos de jagunços para ocupar as ruas da capital Teresina visando pressionar a decisão do Congresso Estadual, uma organização formada por representantes eleitos pelos políticos para escolher o

novo governador (Chaves, 2013). Esse fato foi retratado pela revista *O Malho* através da charge a seguir.

Figura 6 - POBRE PIAUHY!



Fonte: O Malho, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1916, n° 715, p. 32.

Assinada por Aryosto (Aryosto Duncan), a charge possui o título de “*Pobre Piauí*” e representa a notícia que diversos cangaceiros armados com rifles haviam adentrado Teresina, ameaçando a oposição caso ocorresse alguma interferência no pleito eleitoral. Na parte visual, estão presentes o governador Miguel Rosa, chamado de “cangaceiro mor” e trajando uma indumentária do cangaço, como espingarda, chapéu e um lenço no pescoço; o outro personagem é Félix Pacheco; e por último há a personificação do Piauí como um(a) boi/vaca extremamente magra cercada por urubus.

Na conversa, o governador diz não admitir que reconheçam outros congressistas para a escolha de um sucessor, chegando a falar “Quero, posso e mando!” (O Malho, 27/05/1916, p. 32). Ao passo que Félix Pacheco afirma que “se continuar a “cangaçoada administrativa, todos os piauienses terão de cantar - ‘O meu boi morreu!’” (Idem), uma possível associação entre a cantiga popular e o bovino magro envolto a urubus presente na charge.

Com relação à presença de cangaceiros no processo eleitoral, essa já era uma realidade da disputa piauiense há muito tempo. Em março de 1910, foi veiculado no periódico *O Paiz*

(RJ) a notícia das movimentações de alguns jagunços sob ordens de políticos no Piauí, fato visto pela imprensa carioca como uma ameaça e um perigo para os estados do Norte. Segundo ele, o cangaceiro ao mesmo tempo que poderia ser considerado “a praga do norte como o gafanhoto é o flagelo do sul. Um e outro são devastadores e inextinguível” (O Paiz, 08/03/1910, p. 2), também compreendia a admiração dos nortistas por essa figura enquanto o “corredor incansável do sertão, do sertão adusto e hostil” (Idem).

Mesmo com a presença dos cangaceiros miguelistas, da força policial e de alguns congressistas apoiadores, Miguel Rosa acabou sofrendo uma derrota quando o candidato da oposição Eurípedes Aguiar foi aprovado como novo governador do Piauí. Assim, a cidade de Teresina foi ocupada pelas ruas e avenidas por um desfile dos representantes da facção vencedora, militares, população apoiadora e as tropas armadas chamadas de “patriotas” (Chaves, 2013).

A derrota de Miguel Rosa foi comemorada pela revista *O Malho*, que teve contato com vários telegramas vindos do Piauí e noticiou que “apezar do estrategico entrincheiramento dos cangaceiros contra as forças libertadoras, que marcharam sobre Therezina” (O Malho, 01/07/1916, p. 9), e finalmente o “boi morreu - o boi do Sr. Miguel Rosa, suplantado pela vaca do sr. Pires Ferreira” (Idem). Terminava um dos processos eleitorais que mais preocupou a imprensa local e nacional, com o Piauí sendo ameaçado de se transformar num sangrento campo de batalha.

Considerações finais

Ao longo do texto pode-se compreender que a imprensa representou um ponto de ligação entre os acontecimentos do Piauí e o espaço de difusão de informações do Rio de Janeiro. Ficou evidente que os periódicos de ambas as regiões mantiveram uma relação de intensa comunicação, reverberando notícias mutuamente e repercutindo debates desses dois diferentes extremos do país.

As discussões levantadas por políticos e intelectuais piauienses sobre um suposto abandono, atraso e isolamento do Piauí chegaram ao cenário nacional através das páginas desses impressos, além da mediação de representantes do estado na Capital Federal. Tais questões ainda foram estampadas por símbolos de uma identidade piauiense, como o boi e o vaqueiro, que acabaram sendo incorporados no repertório de representações da imprensa ilustrada carioca.

É possível perceber que os chargistas que colaboraram com a revista *O Malho* se utilizaram da imagem do vaqueiro e do boi como personificação do Piauí para representar as

discussões em torno dos problemas e questões econômicas, culturais e políticas do Piauí Republicano, como o combate à seca, as cobranças por uma ferrovia, as acirradas e violentas disputas eleitorais, entre outros. Dessa forma, o Piauí parece ter sido compreendido como um(a) boi/vaca que necessitava do constante pastoreio de seus representantes políticos e da intervenção do poder central para conseguir se estruturar como um robusto estado da República Brasileira.

Fontes

A Noite, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1915, n° 1403, p. 2

A Noite, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1916, n°, p. 3

Careta, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1912, n° 209, p.7

Careta, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1916, n° 398, p. 10

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1903, n° 813, p. 1

Diário do Piauí, Piauí, 18 de abril de 1911, p.1

Fon Fon, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1908, n° 1, p. 1

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1911, n° 137, p.2

O Apóstolo, Piauí, 7 de março de 1909, n° 91, p. 4

O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1912, n° 11, p. 2

O Malho, Rio de Janeiro, outubro de 1910, n° 421, p.47

O Malho, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1911, n° 454, p. 35

O Malho, Rio de Janeiro, 22 de julho 2011, n° 462, p. 20

O Malho, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1912, n°505, p. 10

O Malho, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1913, n° 569, p. 49

O Malho, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1915, n° 665, p. 43

O Malho, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1916, n° 699, p. 6

O Malho, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1916, n° 709, p. 22

O Malho, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1916, n° 715, p. 32

O Malho, Rio de Janeiro, 3 de junho de 1916, n° 716, p. 22

O Malho, Rio de Janeiro, 1 de julho de 1916, n° 720, p. 9

O Malho, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1927, n° 1308, p. 21

O Paiz, Rio de Janeiro, 8 de março de 1910, n°9285, p.2

O Paiz, Rio de Janeiro, 9 de julho de 1911, n° 9772, p. 8

O Paiz, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1915, n° 11189, p. 1

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1905, n° 282, p. 15

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTAS, Mayra Cristine Pessôa. **Que tal os da favela?:** a construção da noção de favela a partir do humor na Primeira República. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2023
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, v. 4/5, p. 04-11, 2003.
- SILVA, Laila Pedrosa da. O Centenário da Independência chegou: o Estado do Piauí na exposição internacional de 1922. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 35, n. 1, p. 103-130, 2022.
- SILVA, Rogério Souza. **Modernidade em desalinho:** costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936). Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
- SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e identidade:** as narrativas da piauiensidade. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008
- VIANA, Francisco Cleisson Sousa; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Heróis de gibão de couro: história e identidade dos vaqueiros campomaiorenses através da literatura. **Vozes, Pretérito & Devir:** Revista de História da UESPI, v. 5, n.1, p. 257-271, 2016.
- VIEIRA, Lêda Rodrigues. Transporte sobre trilhos: ferrovia no Piauí na Primeira República. **Informe econômico**, v. 11, n. 23, p. 24-30, 2010.

Submetido em: 15 abr. 2025

Aceito em: 27 ago. 2025